

GT44: Gênero, geração e saúde: experiências, narrativas e itinerários

Madiana Rodrigues, Mônica Franch

Os processos de saúde, adoecimento e cuidado estão atravessados pelas dimensões de gênero e geração, no que diz respeito aos modos de atenção, estilos de vida, relações de trabalho, políticas e respostas institucionais às ameaças à saúde e ao tipo de adoecimento que acomete as pessoas. No entanto, é raro encontrar análises, e também políticas, que se proponham a compreender a interação existente entre gênero, geração e as dinâmicas de adoecimento e cuidado em diferentes contextos sociais e culturais. No campo das políticas de saúde a incorporação de gênero e geração costuma ocorrer de forma diferenciada. Muitos estados e municípios possuem programas e políticas voltadas à saúde das mulheres (e mais recentemente a saúde dos homens), e à saúde LGBTQIA+, frequentemente como resposta às demandas do movimento feminista e do movimento LGBTQIA+. Embora essa incorporação não seja garantia de boas práticas, trata-se de uma situação que contrasta com a pouca visibilidade que os aspectos geracionais possuem na atenção à saúde, que está muito mais limitada aos extremos da vida (infância e velhice) ou que, no caso específico das mulheres, limita a compreensão do curso da vida aos aspectos reprodutivos. Nesta proposta, partimos de uma abordagem feminista da saúde, que busca articular as dimensões biológica, social e cultural na compreensão dos processos de adoecimento e cuidado, levando em consideração ainda as relações de poder, diversidades regionais e desigualdades neles envolvidas.

Mulher-máquina, Máquina-mulher: reflexões etnográficas sobre os modos de uso dos "corpos" pelas mulheres costureiras em Boa Vista, Roraima.

Autoria: Arancha Micaelle dos Santos Pereira, Madiana Rodrigues

Essa reflexão faz parte de pesquisa de mestrado ainda em andamento, cujo objetivo é analisar, a partir da teoria e metodologia da antropologia, como o trabalho e o ofício da costura se interseccionam na vida de mulheres que trabalham em grupos femininos na cidade de Boa Vista, capital de Roraima. O foco empírico são mulheres que são ou já foram pertencentes aos Centros de Produção Comunitária (CPC). Esses espaços estão ligados às políticas governamentais, sobretudo aos setores que englobam o Bem-Estar Social e do Trabalho, nos quais foram cristalizadas em meados dos anos de 1990, no Extremo-Norte do Brasil. Tal demanda se centralizou em dois momentos: pela consolidação de investimentos para indústrias se instalarem no solo regional (OLIVEIRA, 2013) e apenas, em segundo plano, para formar mulheres no mercado de trabalho com atividades que pudessem ser apreendidas no espaço doméstico. Para isso, o investimento nos trabalhos de costurar dessas mulheres estariam nos maquinários - máquina de costura de todos os tipos e usos, mesas e cadeiras, ferros de passar a vapor, armarinhos, entre outros. Em decorrência de mudanças de governos, a falta dos investimentos e ações estatais, os grupos femininos foram se desfazendo ao longo dos anos, e nesse contexto, as máquinas de costura como estratégia para o suprimento de necessidades mais básicas foram vendidas. Mediante o trabalho de campo etnográfico realizado em 2021 nos Centros de Produções Comunitárias ainda existentes, observamos que as máquinas de costura fazem parte da extensão dos usos dos corpos das interlocutoras-costureiras no cotidiano. Assim, nos termos de Donna Haraway (1985) o Ciborgue pode ser uma simbiose entre mulher e máquina. O domínio de conhecimento das mulheres acerca dos artefatos é percebido nos ditos e feitos: é preciso que haja harmonia de ambas as partes para o bom funcionamento, e ainda mais, para um bom trabalho. Nesse cenário laboral, os movimentos repetitivos que fazem com as mãos e os pés em postura sentada e ereta por longas horas, além do esforço da visão são motivos de adoecimento do corpo das mulheres na faixa etária dos sessenta anos, embora as mulheres mais

jovens também sofram com dores em diversas partes do corpo. Desta forma, nesta apresentação temos como proposta discutir, a partir do trabalho etnográfico, a simbiose corpo-mulher e corpo-máquina. As perguntas que pretendemos responder giram em torno de: a) quais são os encontros e os limites entre elas e as máquinas; b) como individualizam e coletivizam os usos do corpo-máquina; c) quais são as estratégias que fazem para cuidar dos seus "corpos" no trabalho.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

